

# Ouvir e ordenar contos 2.0



## CONTEÚDO

- 1 ÁUDIO MP3 (ONLINE) com a narração de **6 contos tradicionais em vários idiomas**.

- 32 FICHAS-VINHETAS de 11,2 x 7,8 cm com o desenvolvimento dos 6 contos.

Cada história tem uma moldura colorida e um ícone diferente no verso para facilitar o agrupamento dos cartões na mesma sequência.

O material é ecológico, provém de florestas sustentáveis, é composto por uma elevada percentagem de material reciclado e é 100% reciclável.

Trata-se de um material espesso, resistente, muito durável e de alta qualidade.

## IDADE RECOMENDADA

É recomendado para crianças dos 3 aos 6 anos, mas também pode ser utilizado por crianças mais velhas e/ou crianças com necessidades especiais.

## OBJECTIVOS PSICOPEDAGÓGICOS

JOGO DE SEQUÊNCIA que permite trabalhar diversos aspectos do desenvolvimento psicológico infantil:

1. Aquisição da noção do decorrer do tempo.
2. Desenvolvimento da sequência temporal lógica ao ordenar as cenas correctamente.
3. Aprendizagem de noções temporais (antes, logo, depois,...).
4. Desenvolvimento de atitudes de escuta.
5. Estimulação e enriquecimento da linguagem: estimula a criança a falar e permite-lhe começar a estruturar a linguagem. Possibilita o enriquecimento do vocabulário e a assimilação de estruturas linguísticas complexas.
6. Facilita a aprendizagem de outros idiomas.

Além disso, o jogo contém uma grande diversidade de personagens nas histórias e permite:

7. Favorecer a observação de imagens inclusivas e incentivar uma atitude de respeito pela diversidade.

## DESCRIÇÃO

- O **ÁUDIO MP3 (ONLINE)** contém a narração de **6 contos tradicionais** em varios idiomas.

- Cada **CONTO** tem uma moldura de uma cor diferente para facilitar a classificação:

\* OS TRÊS PORQUINHOS 5 vinhetas, com a moldura azul.

\* POLEGARZINHO 5 vinhetas, com a moldura rosa.

\* A TARTARUGA E A LEBRE 5 vinhetas, com a moldura lilás.

\* O GATO DAS BOTAS..... : 5 vinhetas, com a moldura verde.

\* A GATA BORRALHEIRA 6 vinhetas, com a moldura amarela.

\* PINÓQUIO 6 vinhetas, com a moldura vermelha.

As fichas possuem um **SISTEMA AUTOCORRECTOR NO VERSO**: a numeração sequencial das vinhetas de cada conto (do 1 ao 5 ou 6), de acordo com a ordem em que a acção se desenvolve.

## SISTEMA DE JOGO E RECOMENDAÇÕES DE UTILIZAÇÃO

Em primeiro lugar, é recomendável que o aluno escute o conto antes de ordenar as vinhetas. A seguir, enquanto está a ouvir o conto, pode ir ordenando as vinhetas correspondentes ao conto. Quando o conto terminar, deverá verificar a numeração do verso de cada vinheta para saber se as ordenou correctamente. Por último, deverá ser capaz de narrar e ordenar as vinhetas sem necessidade de ouvir o conto.

## DESENVOLVIMENTO DAS ACTIVIDADES

1. Ouvir o conto com atenção antes de ordenar as vinhetas.
2. Durante a narração do conto, com as vinhetas sobre a mesa, a criança deverá ir seleccionando as vinhetas correspondentes e colocando-as em ordem. Quando a narração terminar, deverá virar cada vinheta e verificar se estão ordenadas correctamente do 1 ao 5 (ou 6).
3. Com as vinhetas sobre a mesa, quando a criança já conheça o conto, deverá ordenar as vinhetas sem necessidade de ouvir a narração.
4. Com as vinhetas do conto ordenadas sobre a mesa, a criança deverá narrar o conto.
5. Com as vinhetas do conto sobre a mesa, a criança deverá ordená-las enquanto narra o conto.

### **“Os Tres Porquinhos”**

Num bosque frondoso viviam três porquinhos que eram irmãos. O lobo andava sempre a tentar caçá-los. Para escapar ao lobo, os porquinhos decidiram fazer uma casa para cada um. O mais pequeno fê-la de palha, para acabar depressa e ir brincar. O do meio construiu uma casinha de madeira. Viu que o seu irmão mais novo tinha acabado a dele e estava a brincar, por isso tratou de se despachar e foi brincar com ele.

Entretanto, o mais velho e mais responsável dos três irmãos trabalhou muito e construiu uma casa resistente de tijolo.

– Já vão ver quando vier o lobo... no que vão dar as vossas casas – criticou ele os seus irmãos que estavam entretidos a brincar no bosque.

Logo apareceu o lobo e os porquinhos correram a esconder-se em suas casas. O lobo atacou primeiro a casa do porquinho mais pequeno. Soprou, soprou e derrubou a casinha de palha.

O lobo perseguiu o porquinho pequeno, que correu a refugiar-se em casa do seu irmão do meio. Mas o lobo soprou, soprou, e derrubou a casinha de madeira.

Os dois porquinhos saíram a correr. Com o lobo colado aos seus calcanhares, conseguiram chegar, quase sem fôlego, a casa do irmão mais velho. Meteram-se os três lá dentro e fecharam bem todas as portas e janelas.

O lobo deu várias voltas à casa, à procura de um sítio por onde entrar. Com uma escada comprida, trepou até ao telhado e deslizou pela chaminé para enfiar na casa. Mas o porquinho mais velho, que era muito esperto, tinha posto uma panela com água ao lume.

O lobo malvado caiu em cima da água a ferver e escaldou-se.

Fugiu dali soltando uivos de dor. Conta-se que, desde então, nunca mais voltou a incomodar os três porquinhos.

### **“Polegarzinho”**

Polegarzinho era o mais novo de sete irmãos. A sua família era muito, muito pobre. Os pais sabiam que não podiam alimentar os seus filhos e não queriam vê-los morrer de fome. Com grande mágoa, decidiram que no dia seguinte os levariam para a floresta e os deixariam entregues à sua sorte. Mas Polegarzinho, que era muito esperto, desconfiava das intenções dos pais. Nessa manhã, a mãe deu a cada irmão um pedaço de pão. Em vez de comer o seu, Polegarzinho utilizou-o para marcar o caminho, deixando cair uma migalha de pão a cada passo. Quando os irmãos se encontraram sozinhos e perdidos no meio da floresta, Polegarzinho disselhes que não se preocupassem, pois ele encontraria o caminho de volta, seguindo as migalhinhas de pão. Mas afinal os pássaros tinham-nas comido. Procurado ao acaso o camino para casa, encontraram uma casinha e decidiram bater à porta para pedir abrigo nessa noite. Abriu a porta uma mulher, era a mulher de um ogre terrível que comia as crianças. Mas, ao ver os sete pequenos, não foi capaz de lhes dizer que não e deixou-os passar ali a noite, mandando-os esconder-se na adega quando o seu marido chegasse. O ogre chegou, perguntou pela ceia e logo sentiu o cheiro da carne fresca das crianças. Pôs-se à procura e descobriu os sete irmãos escondidos. Por sorte, a mulher convenceu-o a esperar pelo dia seguinte para os comer, pois nessa noite tinha preparado um delicioso guisado de carne. Polegarzinho e os seus irmãos aproveitaram para fugir por uma janela que a mulher lhes deixou aberta. Quando, na manhã seguinte, o ogre descobriu que os meninos tinham fugido, calçou as suas botas mágicas de sete léguas e foi procurá-los. Cansado de andar pela floresta, o ogre deitou-se para descansar e adormeceu muito perto do sítio onde

os irmãos se tinham escondido. Polegarzinho, que era muito valente, descalçou-lhe as botas de sete léguas e calçou-as ele. As botas mágicas ficaram logo à medida dos seus pés. Com as suas botas novas, Polegarzinho percorreu a floresta a grande velocidade e encontrou a sua casa. Assim, pode levar de volta os seus irmãos e salvá-los do ogre malvado. Graças às botas de sete léguas, com as quais podia percorrer grandes distâncias muito depressa, o rei fez dele o seu mensageiro real.

Foi assim que Polegarzinho e a sua família nunca mais voltaram a passar fome.

### **“A Tartaruga e a Lebre”**

Num belo bosque viviam uma lebre e uma tartaruga, além de muitos outros animais. A lebre era conhecida pela sua agilidade, velocidade e orgulho. Contudo, todos conheciam a tartaruga pela sua lentidão, paciência e perseverança. Um dia organizou-se uma corrida na qual se inscreveram as duas, a lebre e a tartaruga.

- Tartaruga, tens a certeza de que queres participar na corrida? Sabes que vou ganha-te – troçou a lebre, orgulhosa e confiante.

Começou a corrida e a tartaruga saiu devagar, passinho a passinho, enquanto a lebre se adiantou em duas penadas. A lebre olhou para trás e, ao longe, viu a lenta tartaruga. Pensou então que podia parar para beber. A paciente tartaruga continuava a avançar passinho a passinho. Depois de beber, a lebre voltou a olhar para trás e viu que a tartaruga, embora andasse devagar, tinha avançado bastante e quase a tinha alcançado. Pôs-se de novo a correr, distanciando-se muito da tartaruga. Vendo que tinha conquistado uma vantagem muito grande, a confiante lebre decidiu parar para descansar debaixo de uma árvore. Entretanto, a tartaruga avançava devagarinho, mas sem parar nem para beber nem para descansar. A lebre adormeceu profundamente e quando, passado um bocado, acordou, por muito que corresse, a tartaruga conseguiu chegar antes dela à meta e ganhar a corrida.

Foi assim que a persistente e paciente tartaruga ganhou, naquele dia, à veloz e orgulhosa lebre.

### **“O Gato das Botas”**

Era uma vez um moleiro que, quando morreu, deixou o moinho em herança ao filho mais velho, um burro ao do meio e ao mais pequeno deixou o seu gato. Mas não era um gato qualquer. Para ajudar o dono, pediu-lhe um saco e um par de bota e foi caçar.

Caçou duas perdizes, meteu-as no saco e foi levá-las ao rei:

- Majestade, o meu amo, o marquês de Carabás, oferece-lhe este humilde presente.

Um dia, o rei saiu para passear com a filha e o gato pediu ao dono que fosse tomar banho no rio. Escondeu as roupas dele e, quando a carruagem do rei passou por ali, começou a gritar: - Socorro! O meu dono, o marquês de Carabás, está a afogar-se! O gato contou que uns bandidos tinham roubado a roupa ao seu dono e o tinham atirado ao rio. O rei ordenou que o vestissem com roupas de marquês e a princesa, ao vê-lo tão bemparecido, apaixonou-se por ele. O rei ofereceu-se para levar o jovem ao seu castelo na carruagem real.

O gato foi à frente e convenceu os camponeses que encontrava a dizerem ao rei que os campos que ceifavam pertenciam ao marquês de Carabás. E eles assim fizeram quando passou a carruagem do rei. O gato chegou ao castelo do verdadeiro dono das terras, um homem malvado que tinha o poder de se transformar em qualquer animal. Pediu-lhe que se transformasse em leão e o homem transformou-se num feroz leão. – Isso é fácil – troçou

o gato, - mas com certeza não és capaz de te transformar num animal pequeno, como um rato. O homem transformou-se em rato, o gato deu um salto e comeu-o. Nesse momento chegava a carruagem do rei. O gato deu-lhe as boas-vindas ao castelo do marquês de Carabás. O rei ficou maravilhado ao ver o castelo e pensou que o marquês seria um bom marido para a sua filha. Foi assim que, graças ao engenho do Gato das Botas, o filho de um moleiro, transformado em marquês de Carabás, casou com a filha do rei.

### **“A Gata Borralheira”**

Era uma vez uma meiga e formosa jovem órfã que se chamava Gata Borralheira. Vivia com a sua madrasta e as suas duas meias-irmãs, que tinham inveja dela por ser tão bela e a obrigavam a trabalhar todo o dia. Certo dia foram convidadas para um baile que o príncipe oferecia no palácio, mas não permitiram que a Gata Borralheira fosse, porque tinha de esfregar o chão e preparar a ceia para quando voltassem.

Quando ficou sozinha, a Gata Borralheira começou a chorar, lamentando-se da sua triste sorte. Apareceu então a sua fada madrinha, que lhe disse:

- Gata Borralheira, és muito boa e mereces ir à festa.

E, com um gesto da mão, a fada madrinha transformou as suas tristes roupas num belíssimo vestido. Converteu uma abóbora em carruagem, quatro ratos em cavalos e outras tantas lagartixas em cocheiros.

Mas a fada disse-lhe:

- Uma coisa deves ter presente, não podes regressar depois da meia-noite porque todo o feitiço desaparecerá.

A Gata Borralheira partiu imediatamente para o baile.

Durante toda a festa, o príncipe só teve olhos para ela e dançaram um com o outro toda a noite. Os convidados interrogavam-se quem seria aquela bela jovem e nem sequer as suas meiasirmãs a reconheceram. A Gata Borralheira estava tão feliz que só se lembrou da advertência da fada madrinha ao ouvir o relógio dar a primeira badalada da meia-noite. Saiu do palácio tão depressa que perdeu um dos seus sapatos de cristal.

A única coisa dela com que o príncipe ficou foi o sapato de cristal, por isso anunciou que casaria com a jovem a quem pertencesse o sapato.

Percorreu o reino, experimentando o sapato em todas as damas, mas nenhuma tinha os finos pés da Gata Borralheira. Quando chegou a vez da Gata Borralheira, para assombro de todos, o pé entrou no sapato na perfeição. Então, a jovem e o príncipe prometeram nunca mais se separar, casaram e foram muito felizes.

### **“Pinoquio”**

Era uma vez um simpático e amável velhote chamado Geppetto. Tinha muita habilidade para construir bonecos de madeira. Um dos bonecos estava a sair-lhe tão bem que olhou para ele e pensou:

- Chamar-se-á Pinóquio! Como eu gostaria que fosse um menino, seria como um filho para mim! - sonhava o bom homem, que não tinha filhos.

Nessa noite, enquanto Geppetto dormia, chegou uma fada madrinha à oficina do velhote. Achou Pinóquio tão bonito que quis premiar aquele bom artista dando vida ao seu boneco.

Que grande alegria teve Geppetto no dia seguinte! Quando entrou na oficina, Pinóquio mexia-se, andava, ria e falava! Mas continuava a ser de madeira.

Geppetto queria que fosse um menino muito esperto e mandou-o para a escola. Ali Pinóquio conheceu o Grilo Falante, muito bonacheirão, que passou a ser o seu melhor amigo.

Mas Pinóquio não tardou a conhecer outros dois meninos muito maus e travessos e, em vez de ir à escola e dar ouvidos aos bons conselhos do grilo, ia com eles divertir-se e fazer travessuras. O Grilo Falante estava muito triste por ver o comportamento do seu amiguinho. Pinóquio saiu de casa, em busca de aventuras, e deixou de ir à escola. Com o tempo, cresceram-lhe umas grandes orelhas de burro por não saber ler nem escrever e, como se isso não chegasse, todas as vezes que dizia uma mentira o nariz crescia-lhe e ficava colorido!

Um dia, o Grilo Falante soube que Geppetto tinha ido em busca do seu filho Pinóquio num pequeno barco à vela e que tinha sido engolido por uma baleia enorme. O Grilo Falante foi à procura de Pinóquio e os dois fizeram-se ao mar para salvar o pobre velhinho.

Quando Pinóquio e o pequeno grilo estavam diante da baleia, esta abriu a sua boca enorme e engoliu-os inteirinhos, como tinha feito com Geppetto. Por fim, Geppetto e Pinóquio estavam novamente juntos! Agora tinham de pensar na maneira de sair da barriga da baleia.

– Já sei! – disse o Grilo Falante – vamos fazer uma fogueira!

O fogo fez espirrar a baleia e o barco saiu pelo ar com os seus três tripulantes. Pinóquio regressou a casa com Geppetto, ia todos os dias à escola e comportava-se como um menino muito bom. Geppetto estava orgulhoso dele e, em recompensa pela sua bondade, a fada madrinha transformou-o num menino de carne e osso!